



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|---|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input checked="" type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

Projeto novo para ruas e quadras tradicionais

New design for streets and traditional blocks

Nuevo diseño de calles y bloques tradicionales

MACEDO, Adilson Costa

Projeto novo para ruas e quadras tradicionais

New design for streets and traditional blocks

Nuevo diseño de calles y bloques tradicionales

RESUMO

Apresento um processo de trabalho aplicado ao projeto urbanístico com o nome de Método dos Corredores e Subáreas. Sua origem vem da experiência com um trabalho profissional, onde o espaço urbano foi analisado e projetado por partes. Identificando os percursos de veículos, pessoas e infraestrutura, mais seus lotes e edificações fronteiriças - os corredores - e as subáreas, que são os espaços remanescentes entre os corredores. Esta maneira de fazer permite ao arquiteto, que ande pelo lugar desde a primeira etapa do projeto urbano, introduzir ideias sobre a forma dos espaços como arquitetura da cidade. Depois a multidisciplinaridade do projeto, oferecerá em cada etapa dados que aperfeiçoem as proposições da forma urbana. É discutida a aplicação do método no plano didático através de uma disciplina de urbanismo ministrada recentemente e a contextualização do trabalho de configuração urbana na cidade de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura da cidade, morfologia urbana, projeto urbano, urbanismo

ABSTRACT

I present a working process applied to urban design with the name of Method of Corridors and Subareas. Its origin comes from the experience with a professional job, where urban space was analyzed and designed by the knowledge of each portion. Identifying routes of vehicles, people and infrastructure, plus their lots and buildings border - the corridors - and subareas, which are the remaining spaces between the aisles. This way of doing allows the architect who walk through the place since the first stage of urban design, introduce ideas about how spaces like city architecture. After multidisciplinary project will provide data at each stage of the propositions that improve urban form. The application of the method in the teaching plan through a discipline of urbanism recently delivered and the contextualization of the work of the urban setting in the city of São Paulo is discussed.

KEY-WORDS: city architecture, urban morphology, urban design, urbanism

RESUMEN

Presento un proceso de trabajo aplicada a diseño urbano con el nombre del Método Pasillos y Subzonas. Su origen proviene de la experiencia con un trabajo profesional, donde se analizó y diseñado por las partes del espacio urbano. La identificación de las rutas de los vehículos, las personas y la infraestructura, además de sus lotes y edificios frontera - los pasillos - y subáreas, que son los espacios que quedan entre los pasillos. Esta forma de hacer permite al arquitecto que caminan por el lugar ya que la primera etapa del diseño urbano, introducir ideas acerca de cómo los espacios como la arquitectura de la ciudad. Después de proyecto multidisciplinar proporcionará datos en cada etapa de las propuestas que mejoran la forma urbana. Se discute la aplicación del método en el plan de enseñanza a través de una disciplina del urbanismo recientemente entregado y la contextualización de la obra del entorno urbano en la ciudad de São Paulo.

PALABRAS-CLAVE: ciudad configuración, morfología urbana, diseño urbano, urbanismo



Apresento um método de trabalho para ser aplicado ao projeto de arquitetura da cidade. A teoria que precede o método respeita o princípio de que o processo de pensar, projetar e construir a cidade é de natureza multidisciplinar, acompanhado por discussões e tomadas de decisão de caráter participativo. Trato da contribuição particular do arquiteto, responsável pelo invento da forma para novos tipos de espaços, resultante da interpretação do conjunto de informações oriundas de diversas disciplinas. Informações normalmente filtradas e organizadas como elementos programáticos da arquitetura, onde o talento do profissional não dispensa o emprego de procedimentos claros para inventar os tipos e estabelecer as diretrizes do vir a ser dos novos espaços urbanos. Da prática profissional e tentativas para ensinar projeto de urbanismo a estudantes de arquitetura cheguei ao roteiro de um processo de trabalho que tem se mostrado eficaz. Desde sua primeira aplicação em um trabalho profissional, meus colegas passaram a chamar o simples roteiro de Método dos Corredores e Subáreas (1). Como demonstração objetiva das possibilidades do método, utilizo um caso real, explicando com ilustrações o projeto de trecho de corredor que atravessa um bairro da cidade de São Paulo. São desenhos exploratórios de arquitetura urbana para o projeto do bairro, trabalho do arquiteto para a equipe toda discutir e exemplo de aplicação do método. Condição de pensar e fazer que sugeriu o título deste texto: projeto novo para ruas e quadras tradicionais.

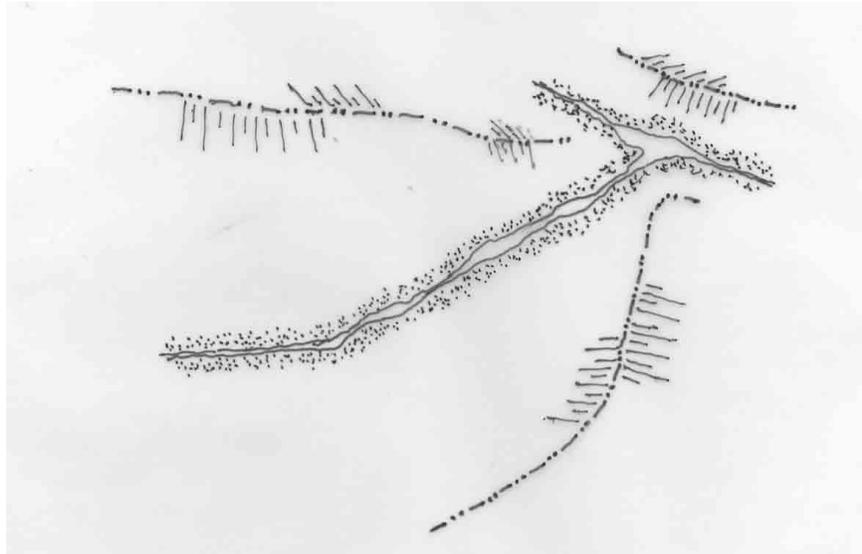
O suporte conceitual do método dos corredores e subáreas vem do entendimento da cidade como parte de um sistema físico regional, onde o arquiteto pode e deve projetar sua forma. Projetar a arquitetura da região que se desenha com o esforço de equipe onde estão especialistas em planejamento, geografia, ecologia, flora e fauna, geomorfologia, engenharia de transportes, agrimensura, mercado imobiliário, arquitetura do espaço urbanizado e arquitetura dos espaços livres e verdes, entre outros. Na região, como na cidade, cada parte se relaciona com outras partes e com o conjunto de cidades e áreas rurais, onde a estrutura geral tem importância maior do que a soma das partes. De maneira integrada a cidade faz parte da estrutura de uma região, que por sua vez faz participa de um sistema maior e assim por diante. Dai a afirmativa de que o geral é mais que a soma das partes. Na escala regional o processo de planejamento indica e decisões são tomadas para realizar projetos: nova estrada, parque, assentamento rural, adensamento de lugares para moradia, trabalho e tantos outros. Temas da maior importância para o arquiteto projetar e desenvolver diretrizes. A nomenclatura que estou fazendo referência como projeto de arquitetura da cidade e por extensão projeto de arquitetura da região é para qualificar a participação do arquiteto na equipe multidisciplinar de um projeto urbano. Arquitetura da cidade vem do livro *L'Architettura della Città* onde Rossi utilizou o termo para estudar os monumentos e os edifícios que compõem como repetição na cidade, segundo uma visão historicista dos tipos construtivos, atrelada a evolução da cidade no tempo. Como o que me preocupa não é o lado acadêmico, mas o da prática do arquiteto, passei a qualificar o produto de sua ação como projeto de arquitetura da cidade e projeto de arquitetura da região. Rossi publicou seu livro em 1966, quando a problemática regional da Europa era questão para planejadores econômicos e sociais. As cidades se articulavam sobre uma estrutura urbana já bem posta fisicamente. A articulação dos percursos entre áreas urbanizadas vinha sendo feita a séculos utilizando os veículos disponíveis para mobilidade em cada tempo e portanto resultando um sistema de conexões corrigido

lentamente de maneira orgânica. Devido sua formação cultural, Rossi naturalmente se preocupou mais com a configuração das cidades europeias adotando o termo arquitetura da cidade em seus estudos.

A emergência do planejamento regional despontou nos Estados Unidos da América desde meados do Século XX, onde o sonho de morar no subúrbio, a facilidade do transporte individual, a gasolina barata e a riqueza do país proporcionou a instalação de uma imensa rede de mobilidade para veículos motorizados, o que passou a ser um deleite nacional. O desenho desta infraestrutura ligando cidades, áreas metropolitanas e o país inteiro, constituiu um projeto de arquitetura da região, independentemente do mal ou bom resultado. Desde 1980, nos Estados Unidos o tipo de urbanização que facilitou o sonho de morar no subúrbio passou a ser considerado impróprio devido ao tipo de ocupação dispersa do território. O número de moradores, incluindo diferentes classes de renda aumentou, vieram os congestionamentos de trânsito e o aumento da gasolina fez com que os americanos passassem a debater o tipo disperso de urbanização. Hoje, seus planejadores procuram tipos de articulação regional que favoreçam a ligação dos locais de residência com os de trabalho e sejam diversificadas as modalidades de deslocamento. Para minimizar este problema Calthorpe e Fulton, da mesma forma que diversos outros profissionais, adotam princípios de planejamento e projeto da região baseados na otimização do sistema de transportes público interligando áreas urbanizadas compactas. Desta questão sobre o tipo de ocupação do território norte-americano, deve-se chegar ao Brasil que também se dispersa. Por este escrito, procuro enfatizar que a questão regional no continente americano é significativamente mais recente do que na Europa, adquiriu características próprias de ocupação do território e tem um vasto campo para o que estou chamando de projeto de arquitetura da região (2).

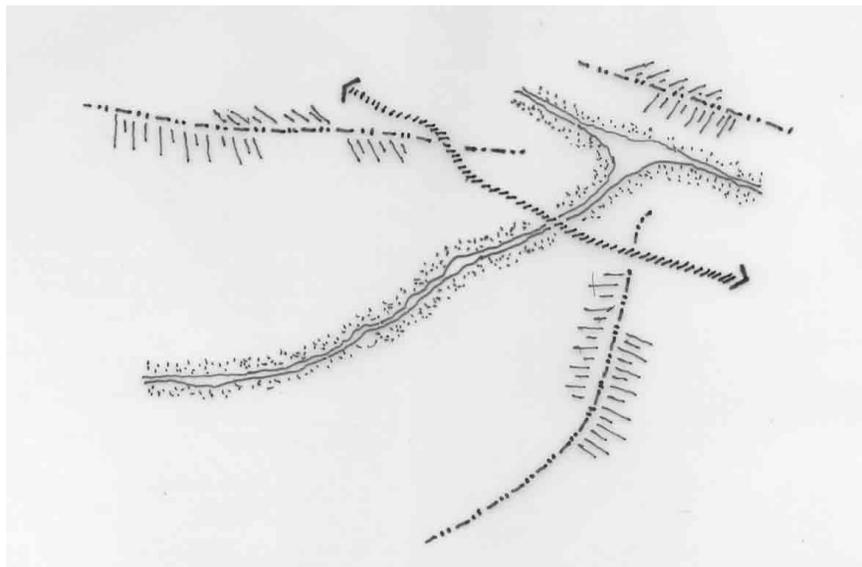
A cidade entendida como espaço urbanizado do contexto regional se articula com ele através de corredores caracterizados pelo percurso de veículos, leito dos rios, franjas de morros, linhas técnicas de energia, distribuição de óleo e outros. Sem contar os corredores aéreos cujo relacionamento físico com a cidade é o local do aeroporto ou das cidades cujas ligações marítimas ou fluviais estão ancoradas na cidade pelo espaço do porto. No projeto de arquitetura da cidade os corredores de importância regional são considerados corredores que atravessam ou tangenciam o tecido urbano. A cidade desde sua área central é o centro de irradiação de percursos e atividades e não apenas a mancha manifesta no mapa da arquitetura da região. Neste caso a aproximação com o objeto de estudo - corredores e subáreas - é maior mostrando que os corredores internos da cidade e as subáreas, espaços entre os corredores. Formam uma malha que poderá ser subdividida em partes cada vez menores. A subdivisão é feita na medida em que se identificam os corredores que atravessam e os que distribuem conforme as peculiaridades locais. Em um nível de maior aprofundamento do projeto os corredores poderão delimitar subáreas onde existam traços fortes nas relações de vizinhança e que informem com detalhes o programa de requerimentos de espaços do projeto de arquitetura da cidade. As figuras a seguir ilustram como o território vai sendo ocupado ao longo do tempo e o como é pequeno o respeito as condições naturais do local na ânsia do Homem construir o abrigo para suas atividades. Para ilustrar este processo as figuras poderiam ser muitas além destas, pois as transformações nunca irão cessar.

Figura 1: Espaço natural, curso d'água desaguando em outro maior. Observar as bacias e os divisores de águas.



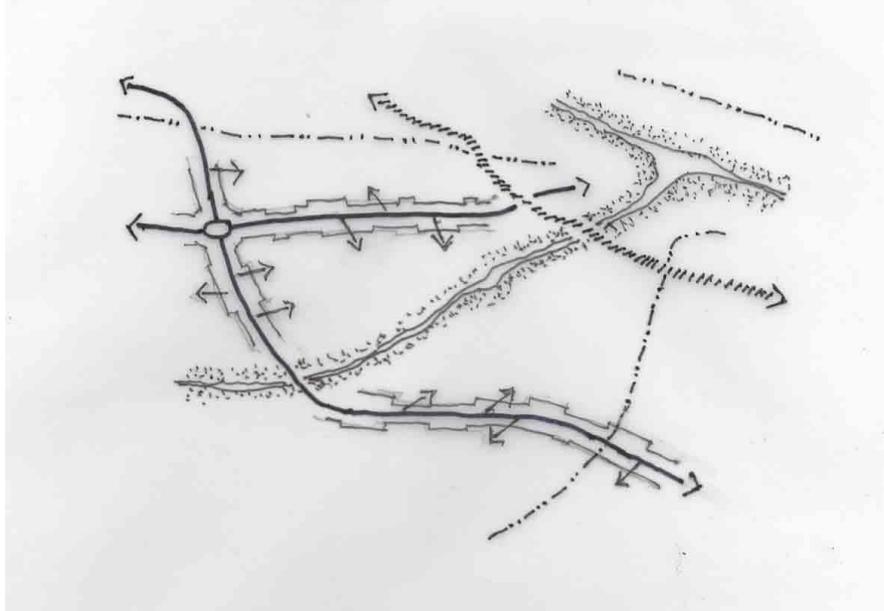
Fonte: desenho do autor.

Figura 2: Ferrovia construída em paralelo ao maior curso d'água, ponte cruzando o curso d'água afluente. Considerar a ferrovia com sua faixa de domínio.



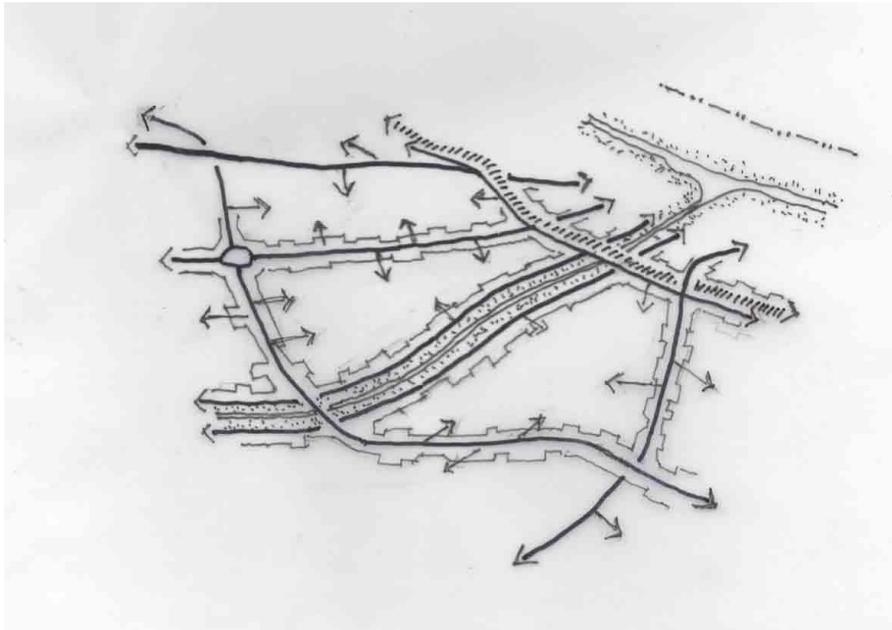
Fonte: desenho do autor.

Figura 3: É construída uma via principal cruzando o rio, uma ponte. Uma via é implantada na meia encosta.



Fonte: desenho do autor

Figura 4: Novas vias principais são construídas ao longo dos divisores de águas. É implantado o sistema de vias marginais ao curso d'água.



Fonte: desenho do autor.



O método dos corredores e subáreas, como instrumento do projeto de arquitetura da cidade, quando aplicado a um tecido urbano existente permite que se desenvolvam análises parciais e formulação de propostas em cada etapa do projeto urbano. Através do processo multidisciplinar e participativo o conhecimento do local vai melhorando e dados técnicos das outras equipes participantes do projeto urbano vão enriquecendo o documento que se chama programa de necessidades de espaços, de maneira simplificada programa do projeto. Este programa - saber o que fazer - é inerente às características de trabalho do arquiteto. Informa sobre os espaços desejados, suas dimensões e características, para atender as premissas do plano geral que fazem parte de um termo de referencia. O termo de referencia é entendido como documento suporte para o projeto, devendo ser fornecido pela entidade promotora, que atuará como o cliente do grupo selecionado para desenvolver o projeto. Contratado o grupo - escritório de projetos - começam os procedimentos para sua elaboração e aí é o ponto de início para o projeto de arquitetura urbana. Este oficialmente será o produto resposta do grupo de arquitetos que deverá crescer em cada etapa dos procedimentos multidisciplinares. Assim, os arquitetos poderão aplicar o método dos corredores e subáreas, descrito sucintamente nos tópicos seguintes:

1. O coordenador do grupo arquitetura da cidade reúne sua equipe e explica quais serão procedimentos usuais, cronograma e outros itens de organização. O coordenador deve deixar claro que em cada etapa haverá uma proposta, que não é para os arquitetos ficarem encantados com o tipo de material que começará a ser produzido pelas demais equipes e esperarem resultados. Ao contrário, é importante a arrancada inicial forte, explorando o material já disponível.
2. No escritório, organizar os mapas disponíveis e os projetos anteriores se houver. Estudar com a maior atenção o termo de referencia fornecido pelo empreendedor: embrião do programa de necessidades que será complementado pelo arquiteto ao longo do projeto.
3. A equipe do projeto de arquitetura da cidade vai visitar a área do projeto, Chegando ao local, andar a pé. Anotar e tirar fotos, observar com atenção as características de cada rua, dos prédios, dos espaços livres e da vida que lá se desenrola.
4. Identificar os tipos de espaços públicos existentes, verificar o tipo dos lotes privados e dos imóveis, sua relação com os lotes e as quadras. Caracterizar os tipos existentes. Não perder de vista que o projeto de arquitetura da cidade deverá mostrar a invenção de novos tipos ou como transformar tipos existentes.
5. A partir dos tipos deverá se apresentar os princípios de ordenação dos volumes nas quadras e lotes, esquematizadas como propostas para diretrizes urbanísticas.
6. Fazer esquemas mostrando os corredores e as subáreas, aplicando os tipos inventados nos itens 4 e 5. Mostrar com esquemas a situação antes e depois do projeto.
7. Mostrar analogias com situações existentes que tenham alta qualidade dos espaços.



8. Apresentar tabulação de áreas em cada etapa, compatíveis com o que foi solicitado no termo de referencia, mostrando vantagens da proposta física do projeto.

9. Valorizar a proposta de arquitetura da cidade. Evitar a apresentação de levantamentos que poderão ter sido da competência de outras equipes do projeto urbano e feitos com grande rigor. Se preparar para discussão com representantes da sociedade e pessoas leigas como pode se esperar. Neste caso, uma boa apresentação das analogias ajudaria muito.

10. Apresentar perspectivas e fotomontagens com a inserção do projeto de arquitetura urbana. Maquete física é ótima, no entanto não ajuda em escala muito reduzida.

No conjunto multidisciplinar não aparecerá a designação "equipe de arquitetura urbana", deverá aparecer equipe de urbanismo ou outra denominação que for indicada.

O método se resume aos dez passos descritos, seguindo-os a equipe de arquitetura irá adquirir prestígio e terá sucesso no entrosamento multidisciplinar. Como experiência didática na disciplina Arquitetura e Urbanismo, Projeto Urbano, do quarto ano da Universidade São Judas Tadeu, 2014, estamos testando a aplicação do método dos corredores e subáreas, segundo os dez itens do roteiro. Dois professores, várias equipes de três alunos e a limitação normal dos alunos estarem sempre assoberbados com o excesso de trabalhos do conjunto das disciplinas (3). O preparo de um tema de projeto urbano para os alunos implica em adaptações do que seria o projeto real. Pela descrição desta experiência é interessante observar os elementos que foram simulados, a solicitação do trabalho através de um termo de referencia, a vinculação multidisciplinar e a participação da sociedade. Na prática do estúdio, os professores funcionam como os agentes que fazem a ponte entre as demandas da sociedade e do poder público, responsável pela aplicação das linhas gerais de planejamento do município. O objetivo didático é dar aos alunos o maior tempo possível para o desenvolvimento do projeto, na medida em que é fornecido o contorno das questões relacionadas a análise da área como um todo. De forma mais detalhada os elementos simulados aparecem a seguir, como um termo de referencia, cujo enunciado demonstra o envolvimento dos professores com o tema.

. Área do projeto urbano com aproximadamente 80 ha. Corresponde a um setor do Bairro da Mooca, São Paulo, delimitado por vias principais, área do projeto urbano, Avenida Alcântara Machado, Rua Siqueira Bueno, Rua Tobias Barreto, Rua dos Trilhos, Rua Taquari, Rua Jaíbarás e Rua João Tobias.

Figura 5: área do projeto urbano



Image © 2014 DigitalGlobe
Fonte: autor, Google Earth, desenho C. Maderic

- . Coeficiente de aproveitamento médio para toda a área entre 2,5 e 4,0.
- . Do total do setor 40% devem ser áreas públicas e 60% áreas privadas. As áreas públicas compreendem o sistema viário, institucional e áreas livres;
- . Classificação das vias feita por "vias que atravessam" e "vias que distribuem" os percursos na área do projeto.

Figura 6: esquema das vias que atravessam e que distribuem.



Fonte: autor, Google Earth, desenho C. Maderic

. As vias que atravessam e as que distribuem definem os corredores. Associados ao corredor estão os lotes limitrofes e as edificações que abrigam atividades características do corredor.

Figura 7: a projeção das edificações e os lotes voltados para os corredores em separado.



Fonte: autor, desenho C. Maderic

. Indicação de entidades públicas e privadas, já instaladas na área, que tem interesse em ampliar suas instalações. Por exemplo, é simulado que a Escola Técnica estadual existente na área necessita de mais tantos metros quadrados de terreno para a expansão de suas instalações.

. Indicação de entidades e investidores externos, sabedores da esperada valorização do local, que se habilitam a participar de novos empreendimentos no local. Por exemplo, um grupo hoteleiro interessado em construir um hotel, em terreno de tantos metros quadrados com tais características. Deixar em aberto que durante o período do projeto poderá surgir outros interessados e que isto é bem vindo, podendo ser absorvido na trama urbana projetada ou sugerir novo ponto significativo na área.

Para o desenvolvimento do projeto, mostra-se aos alunos que:

. O projeto urbano para o dado local resultou de uma decisão maior do planejamento da cidade e que agora é solicitado a eles um estudo preliminar de arquitetura urbana, na linha de que dados precisos multidisciplinares estão sendo coletados por pessoal especializado, igualmente participante da equipe do projeto. Com isto acentuar que a "especialidade" do arquiteto nesta etapa é a de andar pela área do projeto, verificar como o uso dos espaços se adequa a tipos construtivos antigos projetados para outros fins, quais os tipos novos, qual a relação dos prédios com a rua, os pontos de referência e as características do sistema viário. Depois retornar para a sala, se debruçar sobre a planta e a foto aérea para marcar os possíveis corredores que atravessam e os que distribuem, além de organizar o material sobre os tipos de edificações e espaços públicos existentes. Concluir com uma sugestão inicial de tipos para serem aperfeiçoados numa próxima etapa, depois, finalmente chegar na proposição da forma urbana através de esquemas mostrando princípios de projetos, o suporte para a determinação das diretrizes urbanísticas associadas a atualização do plano da cidade.

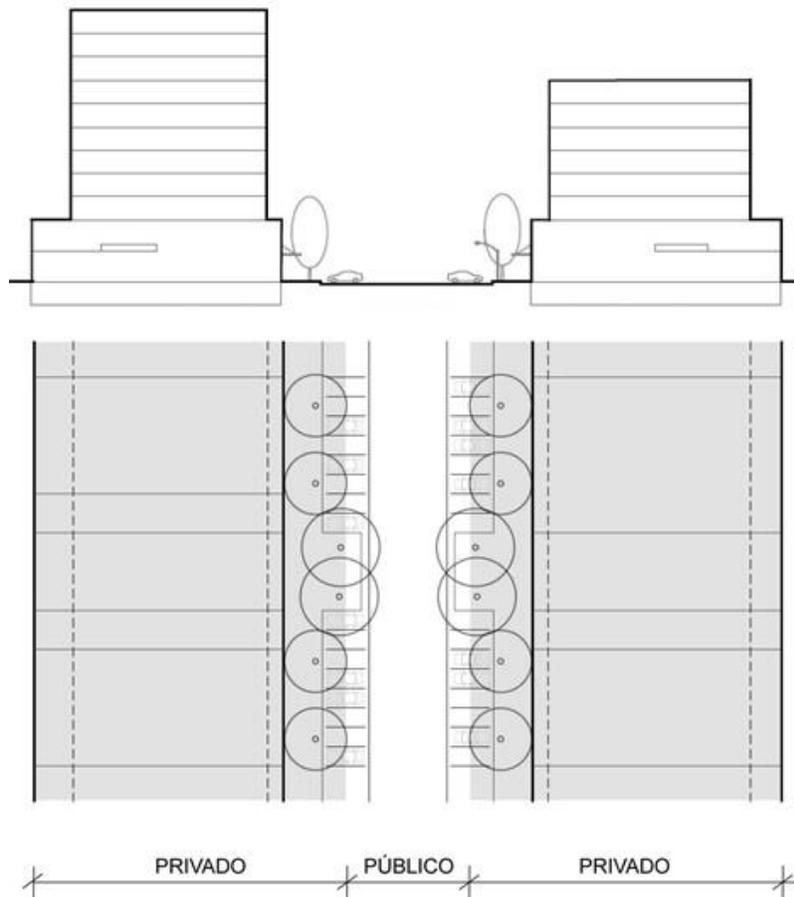
O trabalho dos alunos desenvolve-se em um semestre letivo ou, quatro meses, onde os professores atuam como catalisadores das condições externas ao trabalho dos alunos - sociedade e poder público. Como professor poder ser participante do processo de projeto, mesmo na forma simulada que o processo didático exige, me estimula na maneira de conduzir a disciplina,. Procurar junto com os alunos caminhos da configuração dos espaços e discutir o que poderá ser nossa contribuição para a arquitetura da cidade. Neste sentido, para demonstrar como o professor poderá utilizar o tema didático e ir além do produto obtido pelos alunos mostro uma proposta para a requalificação da Rua Siqueira Bueno. Esta rua é um dos corredores que atravessa a área constituindo o seu limite a nordeste. Devido sua continuidade para outros bairros da cidade, a rua possui casas, instalações industriais de pequeno, médio e grande porte e lojas, como um contexto padrão dos bairros de origem industrial. O tempo trouxe pequenos prédios com comércio no térreo e escritórios ou residências em cima. Hoje, as lojas são maiores, galpões são utilizados para academia de ginástica, venda de veículos e casas se transformam em comércio. Os tipos construtivos tradicionais aguentam em muito o desaforo das transformações de uso e isto se verifica em qualquer cidade. Andando pelo local, se observa uma tendência para comércio e serviços de médio para grande porte. No trecho de nosso projeto urbano, isto acontece numa

extensão de 500,00m, abrangendo três quadras inteiras e depois diminuindo nos prolongamentos do corredor. Por ai passam ônibus, muitos outros veículos e o estacionamento se dá defronte as lojas, as vezes dentro, compondo quadro comum em São Paulo e outras cidades brasileiras. Estas observações empíricas pelos olhos do arquiteto permite o lançamento preliminar de princípios de urbanização para serem refinados na medida em que cresçam os frutos dos demais campos profissionais responsáveis pelo projeto.

Passo a explicar a proposição inicial para o trecho em apreço do Corredor Siqueira Bueno.

- . O nome qualificando o trecho será Boulevard Silva Bueno
- . A rua tem largura de 15,00m, com calçadas de 3,00m e faixa de rolamento de 9,00m.
- . A maioria das construções fica no alinhamento e não têm recuo lateral.
- . A profundidade dos lotes mais frequente é de 40,00m e há muitos lotes estreitos com largura desde 4,00m em oposição a outros de grande testada e grande profundidade para galpões industriais.
- . As propostas não se prendem a legislação oficial, uma vez que o projeto é para uma área especial de interesse urbanístico, como experimento, sugerindo princípios para contribuir com eventuais alterações nas diretrizes urbanísticas da cidade.
- . Como uma área delimitada poderá ser concebida uma maneira de implementar o plano, inspirada nas parcerias público-privada do tipo *land-readjustment* ou outra.
- . O projeto parte do princípio de não haver desapropriações. Os proprietários dos imóveis ganharão vagas de estacionamento com 2,50 X 6,00m e calçada de 5,00m de largura em um ambiente valorizado pela vegetação, alargamento das calçadas junto as esquinas, mobiliário urbano e sinalização adequada. O alinhamento das lojas observará o recuo de 8,00m e o alinhamento das construções acima das lojas será de 10,00m.

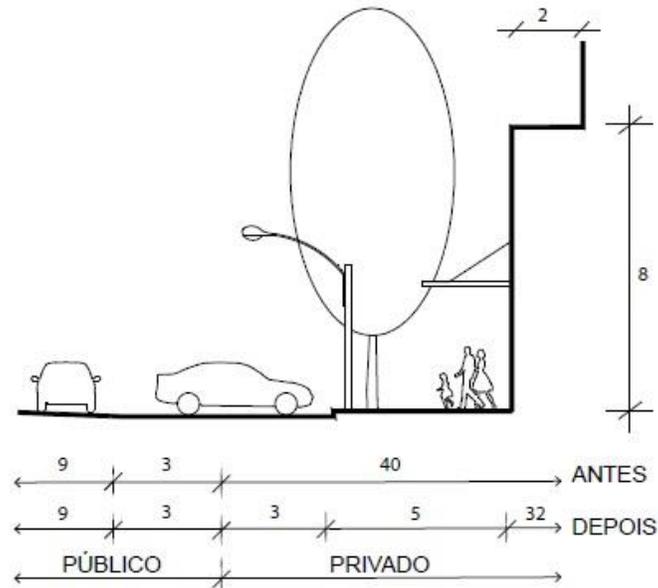
Figura 8: diretrizes para os recuos, áreas para calçadas e estacionamento ao longo das vias.



Fonte: autor, desenho C. Maderic

. No térreo a taxa de ocupação será de 80%, $TO=0.8$, sem haver obrigatoriedade de recuos laterais ou de fundos. Este aumento da taxa de ocupação, em relação à restrição atual deverá compensar o aumento do recuo atual obrigatório de 5,00m, para 8,00m no projeto.

Figura 9: relação público - privado, situação atual (antes) e projetada (depois).

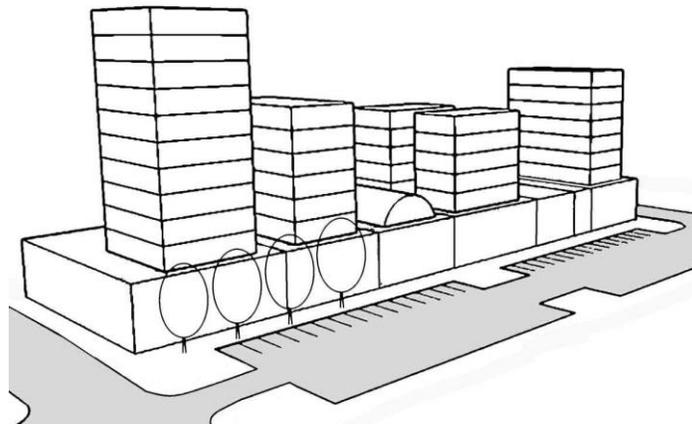


Fonte: autor, desenho C. Maderic

. O coeficiente de aproveitamento será de quatro vezes a área do terreno, $CA=4$.

. Como a parte superior dos novos prédios, destinada a residências ou escritórios, está limitada pelos recuos de frente e de fundo, o volume final será controlado pelos recuos laterais da lei atual para prédios isolados e o coeficiente de aproveitamento.

Figura 10: esquema para quadra mostrando o novo alinhamento, tamanhos diversos dos lotes e dos edifícios.



Fonte: autor, desenho C. Maderic

Os princípios de projeto rebatem-se fisicamente como diretrizes urbanísticas para cada quadra e o espaço como um todo. O plano é de implantação gradativa, numa primeira etapa com a participação dos proprietários recuando as fachadas para o novo alinhamento e a prefeitura e concessionárias trabalhando para os arranjos das vias e colocação da rede de energia e telefonia em galerias no subsolo. A perspectiva de desenvolvimento irá estimular empreendedores locais e de fora para construir no local. Em consequência deverão surgir parcerias para se juntar lotes com o objetivo de construir imóveis do tipo multiuso com comércio embaixo e residências e escritórios em cima ou os tipos térreos, com mezanino, para comércio - lembrando das lojas de veículos, agências bancárias, mercadinhos e outras - com sentido a vocação do lugar. A diversificação do tamanho dos lotes, as necessidades de espaço e a capacidade de investimento dos proprietários do comércio deverá dar variedade a volumetria final de cada quadra.

Acentuo como conclusão deste trabalho a importância de se identificar dentro da área delimitada para um projeto urbano, situações significativas que devem se configurar como projetos localizados. Fazer emergir corporações para desenvolvimento específico do lugar, sendo limitada a interveniência do poder público àquilo que interfira com os interesses do plano geral. Bem articulados e implementados com rigor os projetos locais podem oferecer pontos significativos de boa arquitetura da cidade. Em São Paulo, temos ainda poucos exemplos, muitos devido a demanda de interessados do setor privado, como o caso da requalificação de ruas com comércio sofisticado. Os exemplos que em geral apontamos são de locais onde, em lotes grandes, bem localizados e de proprietário único se projetaram bons espaços privados onde o acesso público faz girar o comércio, atividades culturais e de serviços. Sem dúvida são boas arquiteturas de edifícios, referências para se fazer melhor a boa arquitetura urbana, de muitos proprietários e de espaços de propriedade pública. Em São Paulo, grande município-cidade, é compreensível que o poder público deva atender a demanda emergente com a infraestrutura urbana e habitação social sendo condição que direciona o planejamento oficial para a regulação das grandes extensões prioritárias de desenvolvimento. Coordenar os planos e projetos tem sido entendido pela poder público como estabelecer as regras do que é melhor para a cidade e centralizar decisões, o que se deduz das decisões oficiais. Neles subentende-se que o planejamento engloba, mas não acontece junto com a comunidade. São realizadas audiências públicas onde os planos vem prontos, são mostrados, discutidos e pouco alterados. Isto tem provocado morosidade na obtenção de resultados positivos no processo de planejamento e implementação das Operações Urbanas Consorciadas. Infelizmente nos faz lembrar que o excesso de centralização arrastou o Projeto Nova Luz desde quando foi iniciado em 2005, até quando se encerrou em 2013, pela falta de aceitação da comunidade interessada. Este deveria ter sido realmente um projeto urbano, com parte importante da arquitetura urbana. Não teve sucesso em grande parte, devido o excesso de direcionamento exercido pelo poder público. Acredito que aos poucos deva se chegar ao trato da cidade como arquitetura. Neste contexto o trabalho que desenvolvemos pretende oferecer um elenco de tipos e princípios de projeto urbano com a pretensão de facilitar a invenção de projetos para nossas ruas, quadras, lotes e edifícios. Com simplicidade para serem entendidos por todo grupo de interessados, público e privado, aberto de forma a permitir os ajustes que forem necessários.



REFERÊNCIAS

1. No ensaio "O espaço urbano por partes" explico o conceito de corredor e subárea, além de sua origem e aplicação profissional em um plano urbanístico.
2. , No livro *The Regional City* os autores definem quatro elementos que consideram ser os mais importantes para a análise de uma região: centros (áreas centrais em diferentes escalas), distritos (áreas caracterizadas por uma atividade principal), reservas (áreas livres de preservação e rurais e os corredores (interligações por sistemas naturais ou de infraestrutura).
3. O professor arquiteto Alexandre Rodrigues Seixas e eu dividimos a responsabilidade por esta disciplina.

BIBLIOGRAFIA

- ALEXANDER, C ; ANNINOU, HNA ; KING, I. *A New Theory of Urban Design*. New York. Oxford University Press, 1987.
- BUSQUETS, J. *Revisiting the Urban Grid: Applied Research*. Em Harvard Design Magazine nº 37. Páginas 130 a 132. Cambridge. Harvard University Graduate School of Design. ISSN 1093-4421
- CALTHORPE, P ; FULTON, W. *The Regional City*, Washington, Island Press, 2001.
- CHERRY, N ; NAGLE, K. *Grid/Street/PLace, Essential Elements of Sustainable Urban Districts*, Chicago, Planners Press, 2009.
- MACEDO, A C. *O Espaço Urbano por Partes*. Em Revista Sinopses 3, páginas 11 a 16. São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Universidade de São Paulo, 2002. ISSN 0101-7225
- *Seaside, Ícone do Novo Urbanismo*, Em Revista Paisagem e Ambiente nº29, páginas 171 a 287. São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Universidade de São Paulo. 2011. ISSN 0104-6098.
- *Understanding Urban Design Issues from Changes in Urban Tissue*. Em Journal of the Indian Institute of Architects nº 78/12 , páginas 26 a 29, Mumbai. Ar Surinder Bahga editores. 2013. ISSN 0019-4913
- MONTANDON, D T ; SOUZA, F P. *Land Readjustment e Operações Consorciadas*. São Paulo. Romano Guerra Editora. 2007.
- PANERAI, P ; CASTEX, J DEPAULE, J.C. *Formas Urbanas: A Dissolução da Quadra*. Porto Alegre. Bookman. 2013. Ed. original 2009.
- PANERAI, P. *Análise Urbana*. Brasília. Editora UnB. 2006. Ed. original 1999.
- ROSSI, A. *A Arquitetura da Cidade*, Lisboa, Edições Cosmos, 1977. Ed. original 1966.

FIGURAS

As figuras de 1 a 4 são desenhos do autor. As figuras 5 e 6 são montagens sobre foto do Google Earth. As figuras de 7 a 10 são baseadas em esquemas do autor. As figuras de 5 a 10 na sua forma final contaram com a colaboração da aluna do quarto ano da USJT Caroline Maderic Riquino.

São Paulo, Julho 2014.